

# PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

## FHC em debate

• Está aumentando a taxa de pessimismo entre consultores, economistas e cientistas políticos. O presidente Fernando Henrique decidiu agir para reverter esse quadro. Depois de um almoço com um grupo no Rio, ele jantou no Alvorada na quinta-feira com outro grupo, quando ouviu uma série de críticas ao tamanho do déficit público, à lentidão na privatização, à paralisia das reformas e aos desencontros entre membros do Governo.

Nesses debates, o presidente recria um ambiente de academia, de encontro de pessoas que se conhecem há muitos anos. Conversam francamente sobre todos os assuntos. O presidente deixa correr as discussões entre os participantes e tem mostrado, para surpresa de muitos, um conhecimento de detalhes da ação do Governo em diversas áreas.

Recentemente, no Rio, ele almoçou no Palácio Laranjeiras com os economistas Dionísio Carneiro e Antonio Barros de Castro, os cientistas políticos Fábio Wanderley Reis e Sérgio Abranches e o reitor da UFRJ, Paulo Gomes. Na quinta-feira, ele jantou no Alvorada com os economistas Affonso Celso Pastore, Mailson da Nóbrega, André Lara Resende, Ibrahim Eris e Luiz Paulo Rosemberg, o tributarista Antoninho Marmo Trevisan e o cientista político Bolivar Lamounier.

Normalmente, o presidente vai para as reuniões com o porta-voz Sérgio Amaral, o cientista político Luciano Martins e membros da equipe econômica. Na quinta-feira, estavam Francisco Lopes, Gustavo Franco e José Roberto Mendonça de Barros.

A reunião começou às 21h e terminou à meia-noite. E foi absolutamente franca. Um pouco demais, para o gosto de alguns. O economista Luiz Paulo

Rosemberg, tentando ser enfático, acabou sendo grosseiro, na visão de dois participantes.

Todos os consultores disseram estar mais pessimistas hoje, ainda que não estejam prevendo o fim do plano. Quem mais elogiou a política monetária e cambial foi André Lara Resende. Mailson da Nóbrega lembrou que é preciso atuar na formação das expectativas para mudar esse quadro, porque ele pode ter efeitos macroeconômicos. Na verdade, era isso que o presidente estava tentando fazer.

— Eles são formadores de opinião e é preciso ouvi-los e mostrar para eles os pontos positivos — disse.

Francisco Lopes sustentou que números fiscais positivos começarão a ser divulgados. Em geral, todos concordaram que os números fechados do ano vão mostrar uma melhora em relação ao super-déficit fiscal de 1995. José Roberto insistiu que o país terá superávit comercial este ano.

Quem esteve nas duas reuniões saiu com a impressão de que a taxa de pessimismo aumentou. Entre uma e outra, houve o massacre de Carajás e uma reforma ministerial feita sem ter qualquer lógica aparente. O Governo parecia estar apenas trocando peças que já estavam soltas, e não corrigindo rumos.